REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 764

20 DE MARÇO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começaremos d'esta vez, caso raro, por algumas noticias da politica portugueza. Alguns factos se deram, que merecem nota especial.

Não é de crises, que havemos de falar, porque essas são tão constantes e sempre tão duvidosas, que creio que nas typographias já não desmancham a composição em normando com o devido ponto de interrogação. **Crise?**

Não é provavel a sahida do sr. Elvino de Brito, que, segundo se dizia, seria substituido na pasta das obras publicas pelo sr. Villaça, devendo o sr. Alpoim tomar conta interinamente da pasta da marinha.

Boatos.

A demissão do sr. Elvino de Brito desagradaria em absoluto aos agricultores portuguezes, cujas reclamações esperam sejam attendidas pelo actual ministro das obras publicas.

Boatos apenas.

Os factos realmente importantes foram a apresentação no parlamento dos tres deputados republicanos, eleitos pelo Porto, e a nomeação do sr. Hintze Ribeiro para chefe do partido regenerador, logar para que, ha muito, se achava indicado pela sua posição predominante no partido, ainda em vida do fallecido chefe Antonio de Serpa Pimentel.

A estreia dos deputados pelo Porto, srs. Xavier Esteves, Pereira Falcão e Affonso Costa levou ás galerias da camara muitos espectadores, já pela energia das moções que os deputados haviam de apresentar, já pelo nome de oradores de que vinham precedidos. Os seus discursos eram á noite vivamente commentados e diversamente apreciados nos differentes centros. A facilidade de replica provada pelo sr. Affonso Costa era-lhe notada como distincto dote de orador parlamentar.

A nomeação do sr. Hintze Ribeiro era esperada e para ninguem foi surpreza. Diz-se que alguns regeneradores, entre os quaes algum antigo ministro, tentarão formar um partido novo. Entretanto todos estão de accordo em que os dotes excepcionaes de homem politico e de fino e incansavel parlamentar, que illustram o novo chefe do partido regenerador, ha muito o indicavam para o logar que hoje tão honrosamente occupa.

As camaras hão de ser levadas algumas propostas que muito interessam a riqueza publica.

Entre estas tem um dos primeiros logares a nova lei sobre a caça que tantos adversarios vae encontrando. Da *Associação protectora da caça em tempo defeso*, que tem sua séde em Lisboa, na rua do Crucifixo, recebemos uma circular pedindo o auxilio da imprensa contra o monopolio da caça, só accessivel aos ricos, se fôr approvado o projecto de lei que pretende implantar o regimen do coutamento. O facto é que a reacção dos caçadores de todo o paiz se tem manifestado eloquentemente.

Na camara dos pares o sr. Conde de Bertiandos referiu-se a um facto que durante muitos dias sobresaltou o paiz inteiro, a ignorancia em que por tanto tempo todos estiveram sobre a sorte do vapor *Açor*, que pelas onze horas da noite de 24 de fevereiro sahira do porto de Ponta Delgada. Chamou para o assumpto a attenção do sr. ministro da marinha, e fez varias considerações judiciosas, a que o sr. Villaça respondeu, promettendo estudar um novo programma de concurso de navegação entre Lisboa e as ilhas adjacentes.

Felizmente a desgraça não foi como era de recear. Já no domingo 18, fundeou no Tejo o vapor *Funchal*, trazendo a seu bordo alguns dos passageiros do *Açor*, que então contaram os perigos e sustos por que haviam passado n'aquelle barco velho, sem helice e sem panno sufficiente com que pudesse continuar por forma regular a navegação.

Na Ilha de S. Miguel foi enorme o regosijo, quando ali se soube que o *Açor* fôra finalmente encontrado. Cantou-se um *Te-Deum*, queimaram-se foguetes, repicaram os sinos, illuminaram-se as docas e muitos edificios particulares, as philarmonicas percorreram as ruas e, á noite, no circo houve espectaculo de gala.

Havia boas razões para tanto jubilo.

THEATRO D. AMELIA

A ACTRIZ ANGELA PINTO

De mais a mais o tempo nem sempre correu bonançoso. A bordo do *Açor* foi tal por vezes o terror panico, que alguns passageiros tentaram suicidar-se, fartos de viver em susto constante.

O mau tempo acompanhou-os até Lisboa, onde ainda puderam ver o camaroeiro içado no mastro do Arsenal. Mas era o Tejo emfim, era o porto do salvamento final.

E o camaroeiro continua içado, porque o inverno, mais uma vez, cá está de volta comnosco.

Chuva e frio.

Com chuva e frio se inauguraram as toiradas este anno na Praça de Algés. Não admira por isso que fosse diminuta a concorrencia apesar dos cartazes annunciarem o Algabeño, que é dos mais esperançosos toureiros hespanhoes, com toiros de Emilio Infante, um dos mais acreditados dos nossos lavradores.

Mas toiros com tanta chuva miudinha, fria, fria de neve...

O tempo vai pouco para toiros. As olaias ainda mal mostram as flores e as arvores por emquanto são despidas. Os toiros querem-se com as ginjas e os chapeus de palha, com o bello sol do mez de junho, que espalha alegria; querem-se com as tardes compridas, ainda com bocadinhos de sol nas bandeiras que nos altos da praça fluctuam ao vento norte, quando o ultimo toiro cabisbaixo recolhe ao touril.

Fala-se ainda muito em theatros para que já nos atraiam os cartazes pomposos e coloridos das praças de Algés ou do Campo Pequeno. Um tenor de S. Carlos na trincheira é um disparate.

De theatros é que se fala por emquanto. Ha meia duzia de dias representou-se no theatro D. Amelia uma peça nova, d'aqui a mais meia duzia uma outra se ha de representar no theatro de D. Maria.

A peça de Julio Dantas, *Viriato Tragico*, cujo protagonista foi desempenhado por Brazão, tem sido enthusiasticamente applaudido todas as noites, mercê do talento do poeta já provado n'*O que morreu d'amor*, e do magnifico desempenho que lhe deram todos os principaes artistas do theatro, admiravelmente secundados por alguns de nome mais humilde, mas que pouco a pouco se vai affirmando e aureolando.

O theatro de D. Maria annuncia para muito breve a primeira representação da nova peça de Marcellino Mesquita, *Sempre noiva*. É o romance commovente da mãe do primeiro Duque de Palmella, seus amores com D. Alexandre de Sousa que veio a ser seu marido, e a lucta que essa criança de quinze annos susteve por muito tempo contra o brutal despotismo do Marquez de Pombal. A historia primorosamente contada pela sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho no seu primeiro volume da vida do Duque de Palmella era deveras para inspirar um dramaturgo como Marcellino Mesquita.

Mas não só o theatro portuguez nos interessou agora. No mundo inteiro, onde se presta devido culto á arte, havia anciedade por saber novas da peça de Rostand, *l'Aiglon*, que Sarah Bernhardt estava, ha muito, ensaiando no maior dos segredos. O triumpho parece ter sido completo e os patriotas francezes, perante aquelle drama patriotico, fizeram a Sarah e a Rostand a mais enthusiastica das ovações.

O protagonista da ultima tragedia do auctor do *Cyrano de Bergerac* é o filho da aguia, *l'Aiglon*, o infeliz Rei de Roma, o que devia ser herdeiro do grande imperio de Napoleão. É natural que n'ella abundem situações em que possa manifestar-se ruidosamente o patriotismo francez.

Ruidosamente tambem se tem manifestado em Londres a alegria que aos inglezes deram as ultimas victorias dos seus generaes. O patriotismo dos boers tambem se não desmente. A lucta continua e prolongar-se-ha talvez por muito tempo ainda.

Um dito de Steijn, presidente do Estado Livre de Orange: «Soffremos a desgraça de ter edificado as nossas casas sobre minas de oiro e diamantes. Escolhemos máu terreno para nossos filhos.»

D'ahi a cubiça dos outros, d'ahi a guerra.

As manifestações hostis contra a Inglaterra continuam a dar se em muitos paizes da Europa, especialmente na Allemanha. A imprensa franceza tambem não demonstra grandes sympathias pela sua velha inimiga.

Mas a guerra vai continuando e a resposta dada pelo governo inglez aos telegrammas dos presidentes das duas republicas não deixa duvidas sobre as difficuldades d'uma paz que a Inglaterra não quer e a que os boers não podem submetter-se.

Entretanto, emquanto os outros luctam, a França a todos vai convidando para a proxima exposição, que deve inaugurar-se em maio proximo. Progresso, civilisação... e guerra ao mesmo tempo! Ha nomes que parecem não ter sentido! Prepara-se a França para receber milhões de visitantes, que a Paris hão de concorrer, atrahidos pelas maravilhas annunciadas, e, não querendo o governo da republica que os seus hospedes fiquem privados de admirar em seu devido theatro os mais notaveis artistas dramaticos francezes, acaba de decretar a concessão da quantia de dois milhões e duzentos mil francos para reconstrucção da Comedia Franceza, que um incendio reduziu a cinzas. Em 14 de julho deve inaugurar-se o novo theatro!

Quando vemos estes exemplos e quando nos lembra que a arte dramatica portugueza deve apenas aos nossos governos uma reforma de theatro feita á pressa e a más horas, não nos espanta ver a decadencia que a arte dramatica entre nós vai chegando.

Foi uma perda grande a d'esse theatro da rua Richelieu tão cheio de tradições. Escaparam felizmente as melhores obras d'arte, o mais importante do archivo. N'aquella sala se realisou a primeira recita tempestuosa e tão falada do Hernani, ali se representaram pela primeira vez as peças encantadoras de Musset e tantas de Alexandre Dumas, Augier, Victorien Sardou, Meillac, Helévy e tantos outros!

Todas ellas, as melhores, as de maior exito, com poucas excepções, foram entre nós representadas. O que, porém, fazia da Comedia Franceza um theatro unico no mundo era a tradição classica, era a consciencia artistica com que ainda ali era representado todas as semanas o antiquissimo repertorio de Molière, de Corneille ou de Racine.

As platéas portuguezas apenas conhecem Molière e esse mesmo, quasi póde dizer-se, por uma unica peça, *O Medico á Força*. É que essa traducção de Antonio Feliciano de Castilho vale bem o original.

Os theatros de Lisboa viveram annos apenas de traducções, umas boas, outras mediocres, outras detestaveis. E' n'esta derradeira classe que devemos collocar a maioria.

Em genero de menos responsabilidade do que esse em que Castilho com todo o seu talento se metteu, algumas traducções tivemos verdadeiras obras primas. Citaremos duas apenas: a *Gran-Duqueza* e a *Mascotte*, ambas de Eduardo Garrido.

Temol-o cá outra vez e, mal chegou, teve que ir ao palco do theatro D. Amelia agradecer a ovação com que o publico, sciente da chegada d'elle, lhe quiz agradecer as noites de enorme alegria que elle lhe soube dar, traduzindo-lhe com extraordinaria graça portugueza a graça muito franceza da peça de Feydeau.

Lá a teremos outra vez mais no dia 23 em beneficio de Angela Pinto.

Ha de ser um espectaculo alegrre, como o foi o d'esse theatro da Rua dos Condes, quando aqui chegou a tuna dos estudantes do Porto.

Vivas, discursos, muito enthusiasmo... Mocidade!

Applaudidissima a tuna em todos os trechos que tocou e muito applaudidos tambem os estudantes que desempenharam a comedia do sr. Dr. Felix de Magalhães, o caricaturista Monteroso, o estudante Ferreira da Silva que recitou um monologo e o actor Valle que disse o *Terrivel*.

Damos aos estudantes as boas vindas.

Outro hospede tivemos em Lisboa que do Porto chegou tambem, o grande poeta Guerra Junqueiro, agora um pouco deixado da poesia pelas suas investigações scientificas na cura dos males da vinha. Tivemos o gosto de abraçal-o. Guerra Junqueiro é uma das nossas grandes glorias.

E n'esta serie de pequeninas noticias queremos mais uma, e das boas, dar ainda aos leitores. Appareceu á venda o novo livro de Carlos Malheiro Dias, *Filho das hervas*. E' do auctor do livro *Corações de todos*, d'esse bello drama, commovente, tão bem observado e tão admiravelmente escripto.

Ainda se escreve em Portugal, onde dizem que ninguem lê!

Pois falar, fala-se bem e, para prova, lá vai mais uma historia d'aquelle nosso amigo, sabem, que tem duas filhas já crescidinhas, pode até dizer-se *adulteras*.

Ha tempos encommendou um repuxo e explicava ao homem: — Eu não o queria direito, queria-o assim... Como direi? (E com o dedo desenhou uma helice de baixo para cima.) Em sophisma!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANGELA PINTO

Publicando um ultimo retrato e magnifico da mais que applaudida, tão decantada interprete da *Lagartixa*, não podemos deixar de fazer uma pequenina observação. Quantos retratos havemos visto de Angela Pinto, tirados nos ateliers de todos os photographos de Lisboa e Porto! Ella é a *Manuela*, de côca e lingua de fóra; é a mãe *Eva* de mãe Eva e uma faxa de folhas de figueira; é o *Fanfan* desgraçadinho e garoto; é o *André* gentil e conquistador; é o *pombinho* do *Alli á preta*, rolador e apaixonado. Quantos mais, sem falarmos de photographias á futrica com as mais variadas toilettes! Pois coisa notavel: nenhum d'estes retratos se parece com outro e todos se parecem com ella, com a Angela, rosto mudavel como o tempo que vai correndo, rosto de actriz por excellencia. E nunca uma excellencia calhou tão bem.

Não ha coisa tão para variar como esse rosto cheio de irregularidades, de assymetrias, de covas, de preguinhas, a não ser as aptidões do talento maravilhoso, digno de melhor sorte, que todos applaudimos, vai em dez annos, nos mais desencontrados generos, desde o *Fanfan*, um dramalhão, até ás mais afarçalhadas rabulas de revista d'anno.

Tudo n'aquelle rosto se estampa, tudo aquella physionomia descreve: amor, ternura, alegrias doidas, melancolias morbidas, desdens, ironias, todo o arco-iris variadissimo e complicado dos sentimentos.

Foi ha uns oito annos que o publico de Lisboa conheceu a Angela, então representando com uma companhia de opera comica, que, em pleno verão, deu que falar no theatro da Rua dos Condes. Era uma alegria vel-a cantar as coplas dos foguetes e, quando da sua despedida, na vespera de abalar para o Porto, a ovação que lhe fizeram foi estrondosa. Era um nome feito, que nunca mais havia de esquecer.

Ora no Porto com Affonso Taveira no Principe Real, ora em Lisboa com o Valle na Rua dos Condes, quasi sempre representando opera comica, de vez em quando partindo as amarras, garrando com o temporal e andando perdida, tal qual o *Açor*, sempre o nome d'ella foi citado com sympathia por quem se interessa pelo theatro, e ella sempre festejada onde nos apparecesse, drama, comedia, opera comica, revista, o que fosse.

Ultimamente, tendo deixado a companhia de Affonso Taveira, com quem veiu para Lisboa, appareceu-nos no theatro D. Amelia representando a *Lagartixa* juntamente com os dois Rosas e outros artistas de muito merito, que fazem parte da companhia n'esse theatro funccionando desde outubro de 1898.

O que foram essas representações melhor do que nós poderá dizel-o o camaroteiro. Talvez nunca houvesse peça em Portugal que em egual numero de recitas produzisse receita assim milagrosa.

A comedia tem realmente pilhas de graça, a traducção de Garrido é primorosa, o desempenho de quasi todos os artistas é excellente; mas, verdade verdade, a alegria que Angela Pinto espalhou a jorros por aquelles tres actos, foram o grande encanto do publico, que não se cançava de applaudir-lhe a grande fala suffocante do segundo acto, a cançoneta, a fórma animada por que ella dirigia a contradança dos convidados.

Muito talento e muitos recursos. Não é de espantar que as platéas a adorem.

Em todos os generos dramaticos Angela Pinto póde brilhar. O theatro moderno abre-lhe horisontes que devem tentar a sua ambição de artista De mais a mais é muito nova ainda. Sua carreira, póde dizer-se, começa agora.

Muito talento e muita mocidade! Com isto vae-se longe.

Assim ella queira.

INCENDIO NO THEATRO FRANCEZ

D'aquella antiga sala da *Comédie Française*, que assim se chamava officialmente o famoso theatro da rua Richelieu, nada resta agora mais do que um montão de cinzas e uma amarga sau-

dade nos que d'antes alli assistiram a muitas noites gloriosas.

Pouco depois do meio dia de 8 d'este mez, quando os artistas se começavam preparando para a representação, que n'aquella mesma manhã devia realisar-se, o fogo, cuja origem parece ter sido na casa das machinas para luz electrica, irrompeu tão de repente e com violencia tal, que, apesar da hora matinal e da pouca gente que ainda então estava de portas a dentro, algumas victimas houve, infelizmente, que lamentar.

A actriz Jane Henriot, uma linda creança, foi a primeira victima. Tão desfigurado foi encontrado o seu cadaver, que só na Morgue pôde ser reconhecido por uns pedaços de fato poupado pelas chammas. Dois bombeiros, que tentaram salval-a, foram victimas de sua dedicação. A actriz Dudlay só por milagre escapou. Os actores Lambert e Monet ficaram gravemente feridos.

Do edificio do theatro pouco poderá ser aproveitado, pois affirmam os peritos que as proprias paredes exteriores receberam tal damno, que não deve contar-se com ellas para a breve reconstrucção. Salvaram-se, felizmente, muitas preciosidades artisticas e litterarias.

Os societarios da *Comédie Française* achavam-se installados na rua Richelieu desde 1803.

Conhecido é de todos o decreto de Moscou, tão longe da França assignado pelo imperador Napoleão, que assim demonstrou com eloquencia o muito interesse que lhe mereciam as coisas d'arte na sua França.

O theatro francez obteve sempre toda a protecção dos poderes publicos. O primeiro regulamento do theatro, que n'essa data ainda não funccionava onde agora, é de 1681, depois que Luiz XIV reduziu a um só os tres theatros que funccionavam em Paris.

A protecção que elle merece ao governo da republica d'hoje, provam-o estes simples factos: Os societarios do theatro francez já estão representando na Opera e no dia 14 de julho deve já funccionar o novo theatro, para cuja construcção foi votada pela camara a quantia de dois milhões e duzentos mil francos!

O theatro francez tinha duas fachadas de soberba architectura e continha preciosidades, sendo notabilissimos os retratos de Molière por Mignard, o de Rachel por Gérôme e a estatua maravilhosa de Voltaire.

Essas verdadeiras joias escaparam; mas quantas outras se perderam! Os prejuizos são calculados em muitos milhões.

A falta d'agua foi a causa unica da intensidade do incendio. Só meia hora depois do primeiro rebate é que as bombas começaram a trabalhar.

O fumo espalhava-se sobre grande parte da cidade, passando os rolos por cima da praça da Opera.

Milhares de pessoas apinhavam-se nas proximidades do theatro.

Em meio da multidão, Victorien Sardou chorava como uma creança e Claretie andava como louco.

O ultimo director do theatro francez esteve entre nós, quando aqui, em setembro de 1898, se reuniu o congresso da imprensa. Jules Claretie foi amabilissimo para com os portuguezes e todos os jornaes citaram as phrases gentis com que demonstrou sua saudade ao sahir de Portugal.

A Rainha Sr.ª D. Amelia enviou-lhe em telegramma a expressão do seu pezar pelo lucto que á arte dramatica em França, o que quer dizer em todos os paizes civilisados, trouxe a recente desgraça. Claretie respondeu-lhe commovido.

O auctor d'*André Berthier* e um dos mais notaveis escriptores francezes. A sua nomeação para director do primeiro theatro de Paris foi applaudida por quantos reconheciam as excellentes qualidades do seu espirito, bom senso e caracter.

A impressão causada na grande capital, que já se vae preparando para receber durante a nova exposição alguns milhões de extrangeiros, foi pelo povo de Paris demonstrada no commovido cortejo que fizeram ao enterro da desgraçada Jane Henriot, tão barbaramente arrebatada por uma desgraçada morte, quando ainda mal contava vinte annos!

Discipula do conservatorio, estreára-se no Theatro Francez com a comedia de Rostand, *Les Romanesques*.

Este é que foi realmente o mais commovente episodio d'esse horrivel desastre.

Quanto ao mais, Paris prepara-se para a exposição e os extrangeiros podem estar certos de que poderão applaudir os mais famosos actores francezes no mais bello repertorio classico e nas mais afamadas peças modernas. A arte tem quem a proteja n'essa França que tamanhos artistas tem produzido.

MEDALHA OFFERECIDA

Á FILHA DO DR. CAMARA PESTANA

Os alumnos e professores da Escola Polytechnica de Lisboa, querendo prestar homenagem de saudade á memoria do benemerito professor e victima da sciencia, cuja perda foi tão grande para a patria e para a humanidade, resolveram offerecer a sua filha uma medalha de ouro, feita em Portugal.

Foi o sr. Dr. Ventura da Camara quem, com a maxima generosidade e gentileza se encarregou da concepção e execução a cinzel d'aquella obra, que é um desmentido formal aos que affirmam que em Portugal não ha gosto pelas bellas artes.

O sr. Dr. Ventura da Camara mais uma vez revelou o seu grande talento artistico tão admirado algumas vezes pelos seus trabalhos de execução superior.

Na parte posterior da medalha, que mede 4 a 5 centimetros de diametro, tem a photographia em esmalte, executada pelo sr. Visconde de Coruche, um amador muito distincto, cujos trabalhos foram bem apreciados ultimamente na exposição de photographias.

A medalha foi exposta na livraria Gomes.

Publicando a sua reproducção em photogravura, prestamos as nossas felicitações aos distinctos amadores e aos lentes e alumnos da Escola Polytechnica.

UMA CARTA INEDITA DE CASTILHO

Faz agora oito annos, estampava-se em Ponta-Delgada um periodico de auspicioso titulo — *O Civilisador*. E d'elle se consagrou exclusivamente um numero á memoria de Antonio Feliciano de Castilho, o evangelizador do ensino primario.

Nesse numero commemorativo tive eu a honra de collaborar, pondo o meu nome sob as seguintes palavras que ora opportunamente peço licença de aqui transcrever:

CASTILHO ENTRE AS CREANÇAS

«Quem não viu Castilho entre as creanças, acariciando-as e por ellas acariciado, não assistiu a um dos espectaculos mais commoventes e mais internecedores. É que o illustre pedagogo tinha na educação da puericia concentrado todos os seus affectos, todos os seus carinhos, todas as expansões do seu fulguruntissimo espirito, do seu coração amoravel, e da sua alma de poeta.

«Podem uns de preferencia louvar Castilho pelos hymnos festivos d'*A Primavera*, outros pelos raptos tragicos d'*Os Ciumes do Bardo*. Revejam-se estes no lyrismo das *Cartas d'Echo e de Narciso* ou nos lances romanticos d'*A Noite do Castello*; aquelles, na suavidade calma de *Amor e Melancholia*, nas paginas saudosas d'*A Chave do Enigma*, nas philosophicas considerações da *Felicidade pela Agricultura*, no entrecho enthusiastico do primoroso drama *Camões*, na inspirada interpretação de Anacreonte e de Moscho, de Ovidio e de Virgilio, de Shakespeare, de Gœthe e de Molière. A tudo quanto o inclito escriptor produziu de sublime, a tudo isso elle antepunha o *Methodo Portuguez de Leitura Repentina*.

«Iam nisto os seus mais estremecidos amores. E a elles se referia o grande Poeta quando, todo imbevecido naquella idéa fixa, escrevia ao Presidente e Vereadores da Camara Municipal de Setubal em 29 de Março de 1867:

«Creio como vós, e firmemente o creio, que «não vim inutil ao mundo, pois que alumiei, are«jei, ajardinei, e tornei attractiva, philosophica e «fecunda, a escola primaria, pia baptismal unica «onde os povos se podem regenerar.

«Todos os meus outros livros pouco valem; o «meu methodo de ensino, facil, rapido, e aprazi«vel, descomprehendido, mal apreciado por mui«tos, e por quasi todos, esse é que é a minha pri«meira e ultima obra. Se os mortos sabem o que «se passa na humanidade, algum dia, d'aqui a «quantos annos não sei, ainda me hei de deliciar «de ouvir isto aos nossos vindoiros.

«Tambem eu fiz uns *Lusiadas*; só uns: foi esta «carta de alforria da puericia. Não cantei os Por«tuguezes passados, mas forcejei por que houvesse «Portuguezes futuros, o que não vale menos, se «é que não vale mais.

«A Camões, as palmas de cantor de genio; a «mim bastam-me, e prefiro-os, os emboras de tra«balhador obscuro mas util, — de amigo provado «das creanças, dè suas mães, e da terra em que «me criei.»

«Uma das minhas grandes satisfacções neste mundo, uma das minhas vaidades (deixem-me assim dizer), é ter pessoalmente conhecido Antonio Feliciano de Castilho e com elle pessoalmente tratado.

«Ouvil-o discursar.... era um inlêvo; na conversação familiar.... um incanto; dictando aos amanuenses, logo de um jacto fundidas, as maravilhosas concepções do seu genio .. era um assombro; escutal-o em maviosa recitação de versos, no remanso da sua livraria ou sob as florentes olaias do seu Tibur.... uma delicia ineffavel.

«Em todas estas variadas situações.... sempre triumphos para o Poeta!

«Mas não apreciou (torno a dizer) singularissimo espectaculo, não presenciou de Castilho a mais invejavel apotheose, quem não viu, como eu tive o intimo regosijo de ver, aquelle coração d'oiro em consubstanciação dulcissima (seja-me assim licito exprimir-me), em consubstanciação dulcissima com as creancinhas.

«Convidára-me o Poeta, por carta muito amavel que religiosamente conservo arrecadada (e que folgaria de transcrever aqui, se immodestia não parecesse fazêl-o), convidára-me a ir um dia assistir ás demonstrações prácticas do *Methodo Portuguez* na escola de meninas que na Rua do Sol ao Rato (em Lisboa) funccionava por conta da Associação Promotora da Educação Popular.

«Corri alvoroçado: pela data da carta, posso hoje verificar que essa minha visita á escola se realizou em 4 de Agosto de 1859.

«Corri alvoroçado. Assistiam naquelle dia á demonstração práctica de quanto era valioso o *Methodo-Castilho* eminentes proceres da nossa politica e da nossa litteratura: entre outros me recordam agora Antonio Rodrigues Sampaio, José Estevam Coelho de Magalhães e Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

«Lá travei relações de amizade com o affabilissimo Antonio de Cabedo, que desempenhava na Associação as funcções de Secretario: lá tive ensejo de admirar duas talentosas cunhadas d'aquelle talentoso poeta (D. Eudoxia e D. Clotilde de Miranda) que alli na escola exerciam gentilmente o cargo de Professoras.

«Tudo isso já lá vai; tudo passou: por sobre todos, quantos deixo mencionados, muito ha que as relvas do cemiterio cubiçosas se alastraram com inexoravel voracidade.

«Mas o que não passa, o que na minha lembrança não se esvai, o que na minha mente se conserva nitido e vivissimo, é o espectaculo incantador a que assisti, — quando Castilho entrou na sala. e um risonho turbilhão de creanças correu chilreando (como se fôra um bando aligero de andorinhas) a involver o Poeta numa perfumada nuvem de abraços e de beijos».

Finaliza aqui o artigo d'*O Civilisador*. E agora duas palavras mais.

Os escrupulos que, ha oito annos, me tolheram de publicar a Carta de Castilho, quero hoje pôl-os de parte, reconhecendo imbora por immerecidissimos os altos quilates do captivante louvor com que o signatario generosamente me afagava.

É que oito annos, na existencia de quem a passos rapidos vai caminhando para a derradeira estancia, oito annos representam devéras um longo periodo: e nesse longo periodo, mórmente quando já nos interpocem o espirito impertinencias da velhice, vai a gente sentindo a pouco e pouco mudanças na maneira-de-pensar e olhando com indifferentismo para o juizo temerario dos malevolos.

Transcrevendo a supra-citada Carta, sei que vou incorrer na pécha de immodesto, — quando, a final de contas, o sentimento a que obedeço é meramente o impenho de brindar leitores com uma perola inedita, uma das muitas em que se desintranhou a penna do immortal escriptor, que todas ellas constituem joias finissimas de inestimavel valia.

Immodesto me chamarão? pretencioso talvez? Immodesto e pretencioso podem á vontade chamar-me, que me não causa abalo algum quem similhante pedra me atirar. A Carta de Castilho é textualmente pela fórma que vou dizer:

Ill.mo Snr.

Meu Poeta

Muito empenhadamente o convido a ir ámanhã ao meio dia assistir a uma demonstração pratica do methodo portuguez na escola de meninas, Rua do Sol ao Rato.

Estas coisas de arrotear o futuro pela instrucção do povo pertencem á gente moça, e á gente moça de talento distincto principalmente. V. S tem por-

tanto ali o seu logar, e em acceital-o dará muito prazer ao

De V. S.
admirador e amigo
muito obrigado

3 de Agosto de 59.

(Assignado) *A. F. Castilho.*

Um dos optimos serviços, que incontestavelmente se poderiam prestar ás lettras patrias, fôra inglobar em livro a volumosa correspondencia epistolar que de Castilho anda em periodicos dispersa, ou em guisa de prologos á frente de publicações várias, ou finalmente se conserva inedita em mãos dos destinatarios.

Dando a lume, em commemoração do centenario natalicio do egregio Poeta, a primeira das cartas com que elle me honrou e amimou, tributo por este modo á sua immorredoura memoria um preito de admiração, de gratidão e de saudade.

Bibliotheca Nacional de Lisboa:
23 de Janeiro de 1900

Xavier da Cunha.

A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

(Continuado do numero antecedente)

O desenvolvimento da industria portugueza durante o venturoso reinado de *D. Manoel* pode comparar-se—permittam-nos a synthese—a uma arvore secular, cujas raizes mais se arraigaram em busca de novos elementos de vida, cujo tronco se engrossou pela circulação da seiva vivificante, e cujos ramos se cobriram primeiro de flôres primaveris, depois de folhagem espessa e brilhante, e por ultimo carregando de formosos fructos, que uma colheita precipitada mal deixou amadurecer.

O descobrimento do caminho maritimo para a India concedeu á industria de Portugal novos mercados para trocas dos nossos productos até dos mais infimos.

Conta-nos Castanheda: [1] «trazia esta gente os mantimentos que havia na terra e davam-os aos nossos por anzolos, alfinetes e outras cousas baixas.»

As primeiras caravellas levaram ao Oriente tambem os nossos artefactos a par da artilheria e dos barris de polvora. É Gaspar Correia que enumera os fardos das mercancias. São «as conservas, as aguas cheirosas, todas as cousas de botica para os doentes, e muito dinheiro de ouro e prata e pannos de ouro e seda, collares, cadeias e manilhas de prata branca e dourada, bacias de mãos e gomis; e espadas, punhaes e traçados chãos e guarnecidos d'ouro e prata de feições, lanças, adagas, tudo guarnecido para se poderem apresentar aos reis e senhores das terras a que aportassem... e de cada especiaria uma pouca». [2]

Entre as cousas de botica, vae o precioso vinho da ilha da Madeira, já bastante conhecido e estimado na Europa, e do qual, no anno de 1500, ha noticia de estarem as adegas attestadas.

No regresso, trazem as caravellas preciosos estofos, joias finas e abundantes especiarias. É o cravo das Molucas; a noz e a massa de Banda; a pimenta e gengibre de Malabar; a canella de Ceylão; o ambar das Maldivas; o benjoim do Achem; as tecas e coiramas de Cochim; o anil de Cambaya e Quirimba; o pau de Solor; o san-

JULIO CLARETIE — DIRECTOR DA «COMEDIA FRANCEZA»

[1] *Historia do Descobrimento da India.* Livro V — cap. 16.

[2] *Lendas da India* — V. I., parte I, pag. 11.

A ACTRIZ HENRIOT — VICTIMA DO INCENDIO DO THEATRO DA COMEDIA FRANCEZA

dalo, os damascos, o almiscar, as louças; as alcatifas da Persia, estofos de Bengala, as perolas de Kalckar; os diamantes de Narsinga; os rubis do Pegu, ouro de Sumatra e Lequio, prata do Japão e porcelana da China, por ultimo; mil productos exoticos, emfim, alguns dos quaes a côrte ainda não vira nem sonhára sequer.

Nas armadas subsequentes chegam tambem a Portugal artifices indianos, marceneiros e espingardeiros, principalmente. Os nossos ensambradores, ou *carpinteiros de samblage*, imitam a marcenaria oriental, com seus marchetados de madeiras de côres diversas, embutidos de marfim e metaes. Os artistas indianos estabelecem officinas em Lisboa, como tambem trabalham na India os officiaes mechanicos portuguezes. Montam-se ali estaleiros que fornecem muitos navios ás nossas armadas, sendo o mais importante o de Cochim. As construcções navaes progridem de modo notavel e até os particulares constroem navios no Oriente, graças a licença especial de el rei D. Manoel, que por um seu alvará de 22 de dezembro de 1519, passado em Evora, concedeu aos christãos portuguezes de Gôa o privilegio de construirem navios até 40 toneis.[1]

A industria de Gôa desenvolve-se bastante. N'esta cidade, bem como em Cochim e Malaca, se criam casas de bater moeda. As espingardas que ali se fabricam são tão boas como as que importavamos de Bohemia, chegando Affonso de Albuquerque a enviar a D. Manoel um official espingardeiro goano muito habil.

Em Santarem a industria da armaria, sempre tão acariciada, como vimos, adquire grande importancia, pois tem de fornecer arnezes aos guerreiros que todos os annos vão nas armadas que successivamente largam para a India. Um alvará de 19 de agosto de 1513 manda que se comprem na Casa da Mina, onde se recolhem os productos vindos de além-mar, quatro quintaes de latão, e se entreguem ao feitor da armaria da povoação scalabitana. Outro alvará de 16 de abril de 1519 ordena ao almoxarife das jugadas de Santarem dê a Francisco Dias, feitor da armaria da mesma villa, cinco moios de trigo para se repartirem pelos armeiros e latoeiros da armaria.

Na ribeira de Alcantara, estabelece se uma fabrica de polvora, que depois se muda para Barcarena, onde o rei funda tambem uma officina d'armas, para a qual manda vir mestres e officiaes de Biscaia, tão habeis ferreiros e mettalurgistas como perfeitos lavradores de cantaria, e ordena que em certas cidades e villas haja *officiaes de fazer armas pagos pelo concelho*, fazendo-se d'elles um cadastro no *armazem do reino*, o seu arsenal, construido junto aos paços da Ribeira.

Era forçoso que a mettalurgia do ferro tivesse grande desenvolvimento, para prover ás necessidades do largo fabrico d'armas. E', pois, grande o incremento que attinge, devido tambem ao impulso recebido no reinado anterior. Começa-se a lavra de minas de cobre em Alandroal, Terena, Juromenha e Aljustrel, cuja exploração datava já dos romanos, bem como das de estanho na Beira Alta e Traz os-Montes.

Apparece então uma nova lei de minas, promulgada pelo alvará de 3 de junho de 1516, e conhecida pelo *regimento de Ayres do Quental*, individuo de grande iniciativa, que pelo mesmo alvará foi nomeado feitor-mór das minas do reino.

N'este regimento, concedem-se varios privilegios e isenções aos exploradores mineiros e affirma se o direito realengo sobre todas as minas do reino, deixando o proprietario do solo de participar nos lucros do mineiro, e tendo apenas direito a ser indemnisado por este dos prejuizos soffridos nos terrenos cultivados. Nos logares, onde havia fundições, eram os proprietarios obrigados a deixar cortar lenha gratuitamente. O mineiro continuava pagando o *quinto* e era obrigado a vender o metal nos armazens de el-rei, segundo os preços taxados, o que o onerava duplamente. Quanto á mettalurgia do ferro esta lei não alterou os privilegios concedidos por D. Affonso V.

E' de accordo com elles que D. Manoel concede ao mestre de artilheria Pero Lopes a fundação de ferrarias em Niza e Rodam.

D. Manoel desliga da corôa as saboarias do reino, as quaes passam successivamente para grande numero de donatarios. Para seu irmão mais ve-

[1] *Archivo Portuguez Oriental* — fas. V, 45.

O THEATRO DA COMEDIA FRANCEZA, INCENDIADO EM 7 DO CORRENTE

(Copia de uma photographia)

lho, Ayres da Gama, obteve Vasco da Gama, depois do descobrimento do caminho maritimo para a India, a entrega das saboarias de Extremoz e de Souzel, que seu pae possuira.

No reinado de D. Manoel, tambem o fabrico do azeite logrou maior desenvolvimento. Isso se vê por uma carta regia, dada em 1515, na villa de Almeirim, em que o soberano concedia á camara de Coimbra o elevar o direito de lagaragem, ou maquia do azeite, a qual segundo um *concerto* feito entre a camara e os donos dos lagares, era de darem um decimo e não um decimo-sexto da producção como se consignava nas posturas mais antigas.

Quanto a outras industrias, muito haveria a citar n'este reinado tão brilhante. A tanoaria estava tão desenvolvida que os tanoeiros do Porto fogueavam em plena rua, como succedia na da *Ourivesaria* e *Banhos*. Em 1515 os visinhos, então muito prejudicados com aquelle trabalho, conseguiram que a cidade lhes desse o terreno do *Postigo de João Paes*, para exercerem a sua industria. Este terreno ia do Muro contra a rua da Ourivesaria, e os tanoeiros ficaram foreiros á cidade.

A ourivesaria attinge com a maravilhosa custodia dos Jeronymos um requinte de perfeição inexcedivel, e a imprensa muito nobilitada pelo monarcha produz os apreciados paleotypos das *Ordenações Manoelinas*.[1] A expulsão dos judeus desfalca muito a fecunda abastança do reino, mas os subidos proventos do commercio das especiarias, estabelecendo equilibrio da riqueza, dão para tudo, e o monarcha, embora prohiba aos fidalgos que *comprem para regatear*, constitue-se principal mercador na grossa contratação das especiarias.

A D. Manoel se deve a introducção dos correios no paiz, sendo dado o officio de correio, por privilegio, a qualquer fidalgo da casa real a quem o rei julgasse digno pelos seus merecimentos, de occupar tão importante cargo.[2]

Para o Brazil, foram logo transplantadas as drogas e as especiarias da India, onde nasciam e se davam perfeitamente; porém D. Manoel, cioso do monopolio do commercio do Oriente, mandou-as arrancar, sob pena de morte, escapando apenas da geral destruição o gengibre, pelo que então se disse com graça, que se conseguira escapar mettendo-se pela terra dentro, como raiz que era.

Não previu D. Manoel que a cultura das especiarias no Brazil daria grandes lucros ao reino, porque sendo ali creadas chegavam aqui com menores despezas, muito mais rapidamente, e podendo ser vendidas mais barato do que as vindas da India, não se apossaria no seculo XVII a Hollanda do nosso commercio oriental.

Foi do Brazil que nos veio o tabaco. E Luiz de Goes o primeiro que o trouxe a Portugal.[3]

Lisboa torna-se então o emporio brilhante onde acodem, além dos navios de toda a Europa, os mais notaveis artistas, offerecendo os seus serviços e espalhando um sem numero de obras primas pelo paiz. Illuminadores e pintores de Hollanda e Florença ornamentam livros de pergaminho como a Biblia de Belem, esse manuscripto preciosissimo, tiram retratos aos nobres da côrte e debuxam tapeçarias allegoricas; emfim as riquezas orientaes concedem a Portugal um alto grau de desenvolvimento em todos os ramos. As faculdades correm parallelas, e não é só grande nos descobrimentos; florescem escriptores e artistas, mas n'uma tão viva e grande exuberancia que, á maneira de um incendio, tanto mais rapido quanto de maior intensidade, em breve se apaga, deixando todavia evidentes signaes de grandeza.

(Continúa) *Esteves Pereira.*

[1] Recentemente os vulgarisou o sr. Brito Aranha. A imprensa portugueza não tardou muito a correr parelhas com a dos outros paizes da Europa. Basta ver a impressão da obra *Cataldus Siculus*, feita em Lisboa em 1500, para se admirar como se imprimia em Portugal. Já em 1495, os dois allemães Valentim de Moravia e Nicolau de Saxonia imprimiram em Lisboa os quatro magnificos volumes incunables da *Vita Christi*, em portuguez.

[2] O primeiro que teve esse privilegio foi Luiz Homem, por mercê de 6 de novembro de 1520, privilegio que depois lhe foi renovado por D. João III.

Os principaes deveres do correio-mór eram: 1.º residir em Lisboa; 2.º estabelecer tantos *mestres da posta* quantos fossem necessarios para a entrega das cartas e satisfazer ás requisições dos particulares; 3.º ajustar com os interessados os preços dos portes de correspondencia; 4.º prestar o devido juramento na chancellaria regia; 5.º os seus empregados usariam de armas reaes nos vestidos, trariam espada e punhal.

Entre os privilegios que gosariam esses homens, avultavam os de serem isentos dos cargos e serviços do concelho, de fintas e dizimos; os seus haveres não podiam ser penhorados nem elles podiam ser presos por dividas, e em viagem todas as auctoridades lhes facilitariam mantimentos, bestas, guias, e tudo o mais de que carecessem. Vide *Instituições sociaes portuguezas* por Silva Pereira. OCCIDENTE vol. XII n.º 368, pag. 59.

[3] Cap. 46 da *Chronica de D. Manoel* por Damião de Goes.

O CASAMENTO

«Resistirá o costume arraigado, porém será vencido do melhor costume.

«A carne murmurará, porém será refreada com o fervor do espirito.

Da Imitação de Christo — L.º 3.º, cap. 12.

«O casamento é um contracto perpetuo feito entre duas pessoas de sexo differente, com o fim de constituirem legitimamente a familia.»

Codigo Civil Portuguez, art. 1056.

Differentes em pontos essencialissimos da estructura anatomica e semelhantes nos lineamentos principaes do organismo, homem e mulher, estes dois seres que dominam a natureza e se exaltam pela idéa até á Origem Soberana da existencia, completam-se, unificam-se e integram-se pelo casamento, meio physico da reproducção animal e connexão legitima dos desejos e das aspirações de entes attrahidos pela propria diversidade do sexo e dignificados pela pureza do amor.

Antes de proseguir vejamos alguns pensamentos de espiritos notaveis que definiram o casamento em obras que tenho presentes:

Puffendorf, *Os deveres do homem e do cidadão*, chamou-lhe «o primeiro esbôço de sociedade e o viveiro do genero humano».

Réal, *A sciencia do governo*, «um dos mais solidos fundamentos da sociedade».

Portalis, *Codigo civil* (francez) *ou collecção das leis que o formam, com os discursos relatorios e opiniões*, «a sociedade do homem e da mulher unidos para perpetuar a especie, para se ajudar por auxilio mutuo a suportar o pezo da vida e para compartilhar o seu destino commum».

Gillet, obra citada, «a origem da multiplicação dos homens e o principio dos laços mais fortes e mais constantes que os unem».

Rogron, *O codigo civil explicado*, «a sociedade legitima do homem e da mulher, ligador por um laço indissoluvel para perpetuar a especie, para se prestar auxilio durante a vida e participar do destino commum».

Coelho da Rocha, *Instituições de direito civil portuguez*, «a sociedade e união solemne entre duas pessoas de differente sexo, com o fim de procrearem e educarem os filhos, ou ao menos de se soccorrerem reciprocamente».

José Julio, *Actas das sessões da commissão revisora do projecto de codigo civil portuguez*, «um contracto de direito natural, reconhecido pela lei civil, e santificado pela religião, formado entre dois individuos de differente sexo, com o fim de estabelecer entre os contrahentes uma communhão de vida physica e moral».

Bastam ao meu proposito as definições transcriptas.

Não quiz valer-me de auctores mais antigos, receando tornar-me fastidioso e não á mingoa de conceitos profundos e formosos; entretanto, para que me não alcunhem de ingrato, fazendo minhas estas palavras de Lerminier, *Philosophia do direito*, «encontro na lei romana uma definição admiravel que o christianismo não excedeu» accrescentarei ainda a bella phrase de Modestino: «Nuptiæ sunt conjunctio maris et fœminæ, consortium omnis vitæ, divini et humani juris communicatio».

O casamento não é apenas a mera satisfação dos apetites sensuaes e das inclinações fugazes.

Porque este aguilhão fermentante do cio, este adivinhar lubrico de deleites desconhecidos, esta necessidade voluptuosa que impéle o macho para a fêmea e vice-versa?

O universo inteiro repercute acórdes do eterno feminino e dos seios da natureza sempre fecundada e nunca esteril á fecundação, jorra em ondas o serviço que encanta e a flôr virginal que deslumbra!

Mas não haverá outra coisa no theatro physiologico da animalidade e do mundo, que não seja materia inflammavel aos estimulos da carne e ao prazer da cohabitação passageira?

Ha, sem duvida; ha o sentimento da familia e o progresso moral dos povos.

«As coisas moraes, Arbanère, *Analyse da historia grega*, não pódem ser medidas de uma maneira mathematica, isto é, precisa e incontestavelmente como as coisas physicas: nós não podemos apreciar com um instrumento o grau de felicidade de um individuo ou de um povo como o grau de calor ou de pezo de um corpo».

Quanto maior espirito de caridade existir no meio social e quanto mais intenso fôr o affecto entre as classes, maior será o empenho do amor entre os dois sexos e mais digna será mantida a sociedade conjugal.

«*A perpetuidade*, *Codigo civil portuguez annotado por* José Dias Ferreira, é um dos elementos essenciaes do casamento; ou, como diz a lei hespanhola de 17 de junho de 1870 no artigo 1.º, o matrimonio é *por sua natureza* perpetuo e indissoluvel.

A perpetuidade é a base necessaria da moralidade no lar domestico.

A destruição da indissolubilidade do vinculo importaria a destruição da sociedade familiar, que é a base da sociedade civil. E' a indissolubilidade matrimonial que distingue o matrimonio da prostituição legal, reconhecida n'algumas nações».

De resto, está provado com toda a evidencia que: «As conjugações ilicitas, Montesquieu, *Do espirito das leis*, contribuem pouco para a propagação da especie».

N'um discurso do celebre Treilhard, lê-se o seguinte periodo deveras memoravel pelo seu alto valor intrinseco: «O verdadeiro interesse dos filhos é vêr os auctores dos seus dias felizes, dignos de estima e de respeito, e não isolados, tristes, experimentando um vacuo insuportavel, ou enchendo este vacuo de gosos que nunca são sem amargura, porque nunca são sem remorsos».

São de vigor irresistivel estas duas affirmações eloquentes: «É evidente, Gabriel Gabet, *Tratado elementar da sciencia do homem*, que o homem possue duas vidas» — «A familia, João Jacques Rousseau, *Contrato social*, é a mais antiga das sociedades e tambem a unica natural;...»

Qual é pois a fonte primacial da familia? É o casamento, conglutinação sympathica dos corpos e amplexo generativo do coito.

Direi agora com Burlamaqui, *Elementos do direito natural*: «O fim principal que a Providencia se propoz, foi sem duvida a conservação do genero humano; sendo o homem sujeito á morte por natureza, teria sido preciso necessariamente ou que Deus creasse novos homens todos os dias, ou que o genero humano desapparecesse com a primeira geração, se elle não tivesse estabelecido um meio de reparar as perdas da sociedade».

E se, por outro lado, semelhante meio não importasse com o acto gerador o dever moral da sollicitude paternal e maternal para com a respectiva prole, que signal superior nos distanciaria dos seres inferiores?

O casamento *indissoluvel*, em qualquer ponto do globo que se tenha nascido, qualquer que seja a religião que se professe, longe de significar a simples abusão piégas e a toleima de um sonhador, corresponde com o maximo rigor ás córdas affectivas da sensibilidade humana, aquilata perfeitamente todos as responsabilidades domesticas, assegura pelo ministerio salutar da educação filial a persistencia do caracter e a harmonia de relações fraternaes que promanam do mesmo berço.

Quando, remontando de idade em idade até ás épocas primitivas, nós retrocedemos depois pelo exame da historia conhecida até aos nossos tempos, ficamos scientes e por egual maravilhados do quanto é poderosa e feracissima nos resultados benemerentes a comprehensão e a pratica do casamento monogamo e indissoluvel.

A sua influencia moral e civilisadora ahi brilha com fulgôr inequivoco nas linhas de cada pagina, nas palavras de cada linha, nas syllabas de cada palavra, nas letras de cada syllaba, e isto, a despeito de cada sophysma.

O espectaculo nojento da antiguidade oriental offerece a orgia licenciosa do harem, a vergonha do eunucho, a lascivia no templo de Mylitta e tantas invenções monstruosas do despotismo ensandecido.

«Todos os ricos que havia em Babylonia em estado de casar, escreve Maspero, seguindo Herodoto *Historia antiga dos povos do Oriente*, disputavam nos leilões de mulheres encarecendo-as e comprando as mais bellas, mas a gente do povo que cuidava menos de belleza do que de dinheiro, reservava-se para as feias. Entretanto, o pregoeiro punha estas em praça, começando por entregar a mais feia a quem offerecia desposal-a por menos dinheiro»!

É mister abrir uma excepção para Israel, onde, apesar da tolerancia da poligamia e até do divorcio, as mulheres eram objecto d'um certo culto e chegaram como Debora a desempenhar papeis de importancia capital.

No primeiro livro do *Pentateuco*, está escripto que: «a mulher, Joseph Salvador, *Historia das instituições de Moysés e do povo hebreu*, é a respeito do homem um ajudante semelhante a elle; o homem deve deixar o pae e a mãe para se ligar a sua mulher; elles formam duas partes distinctas d'um ser unico».

A'parte esta excepção imperfeita, era geral o

estiolamento d'aquella sociedade sem pudor, que já vinha maculada pela presença da escravidão.

Mas, duas peninsulas do continente europeu, vão guindar-se pela irradiação intellectual e pelo poder da força, pelo genio artistico incomparavel e pelos principios da legislação combinada aos moldes do direito.

(Continua) *D. Francisco de Noronha.*

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

Acordou alagado em suores glaciaes. Em volta d'elle havia um silencio mortal. Era profunda a noite. Mas parecia-lhe que em qualquer parte continuava ainda o conto maravilhoso, que uma voz rouca reatava a historia interminavel que julgava reconhecer. E falava d'uma floresta sombria, de salteadores audaciosos, d'um pimpão decidido quasi como Stegnka Razine e de alegres companheiros e de *bourlakis* [1] e d'uma rapariga bonita e da mãe Volga.[2] Não seria uma illusão? Realmente ouvira? Uma hora assim ficou de ouvido á escuta, d'olhos abertos, immovel, em doloroso torpor. Por fim sentou-se com precaução e alegrou-se por encontrar em si forças que sua terrivel molestia não tinha exhaurido. Cessára o delirio, recomeçava a realidade. Viu que ainda estava vestido como quando conversára com Catharina e d'ahi concluiu que não deveria ter-se passado muito tempo desde a manhã em que ella o deixára. Uma como que febre da vontade inflammava-lhe o sangue. Apalpando a parede descobriu um prego grande no alto do tabique a que se encostava a cama e, suspendendo-se n'elle com todo o peso do corpo, endireitou-se e conseguiu com certo custo chegar a uma fenda que filtrava para o quarto uma luz fraquissima. Applicou um dos olhos á fenda e poz-se a olhar sustendo a respiração.

N'um dos cantos do pequenino quarto dos hospedeiros havia uma cama e deante d'ella uma mesa coberta por um tapete e atulhada de livros de grande e antigo formato, encadernados como missaes. Na parede estava pregada uma imagem tão velha como a que Ordinov tinha no quarto. Defronte da imagem uma lampada accesa. O velho Mourine estava estendido sobre a cama, doente, pallido como a lã e coberto por umas pelles. Tinha sobre os joelhos um livro aberto. Catharina estava deitada n'um banco, junto do leito, com um braço em volta do pescoço do velho e com a cabeça inclinada sobre o hombro d'elle. Olhava para elle com uns olhos attentos, brilhando com infantil espanto e parecia escutar com curiosidade infinita o que elle lhe contava. Por vezes, a voz do narrador elevava-se, a animação pintava-se-lhe no rosto pallido, franzia o sobr'olho, seus olhos lançavam coriscos e Catharina parecia estremecer de terror. Então o que quer que fosse parecido com um sorriso apparecia nas feições do velho, e Catharina tambem sorria suavemente. Havia momentos em que as lagrimas brilhavam em seus olhos e o velho fazia-lhe festas como a uma criança e ella apertava-o mais estreitamente com seu braço nu e tão branco, e deixava amorosamente descahir a cabeça sobre o peito do enfermo.

A si mesmo perguntava Ordinov se tudo aquillo não era um sonho. Conseguia convencer-se, mas o sangue trepava-lhe á cabeça e inchavam-se-lhe as veias das fontes. Largou o prego, ergueu-se do leito, e, cambaleando, sem que mesmo percebesse os motivos do que fazia, andou como um somnambulo até á porta dos hospedeiros e de encontro a ella deixou-se cahir violentamente. O ferrolho enferrujado cedeu com estrondo, e Ordinov achou-se em meio do quarto de cama dos hospedeiros. Viu Catharina estremecer e levantar-se n'um sobresalto; viu a colera faiscar nos olhos do velho, sob os enormes supercilios contrahidos e todo o seu rosto fez-se horroroso. Viu o velho, sem que d'elle desfitasse os olhos, pegar da espingarda pendurada na parede. Viu emfim o brilhar do cano apontado direito contra elle, com mão mal segura e que a furia fazia tremer... Ouviu-se um tiro, e logo depois um grito sobre-humano, selvagem se lhe seguiu; e, quando o fumo se dissipou, a Ordinov deparou-se-lhe um espectaculo terrivel. A tremer de horror debruçou-se sobre o velho. Mourine estendido no chão torcia-se em convulsões, absolutamente desfigurado e com os labios cheios de espuma branca. Ordinov percebeu que o desgraçado era victima d'um horrivel ataque de epilepsia. Ajudou Catharina a tratar d'elle.

III

Foi uma noite angustiosa.

No dia seguinte pela manhã Ordinov sahiu, apezar da fraqueza e da febre que não o largára. No pateo encontrou o dvornik. D'essa vez o tartaro, mal o viu ao longe, tirou o barrete e poz-se a olhar para elle, sem dissimular a curiosidade. Depois, como repezo do primeiro movimento, pegou outra vez na vassoira, sem deixar de olhar a soslaio para Ordinov, que se vinha approximando devagarinho. Foi Ordinov quem principiou:

— Nada ouviste esta noite?

— Sim, ouvi.

— Quem é aquelle homem? Que faz?

— Sósinho arrendaste, hein? Pois sósinho toma informações, não tenho nada com isso.

— Falarás ou não! exclamou Ordinov fóra de si, n'um accesso de impressionabilidade doentia.

— Que mal te fiz?... A culpa tambem foi tua: para que mettesie medo ao teu patrão?... Olha o cangalheiro cá de baixo, que é surdo, pois ouviu! e a mulher, que tambem é surda, tambem ouviu! E ali no outro pateo, e que não é perto, hein? tudo ouviu! E agora tenho que ir dar parte ao commissario.

— Eu mesmo lá vou, disse Ordinov, encaminhando-se para o portão.

— Lá isso, como quizeres, tu é que arrendaste... Barine, barine, espera!

Ordinov voltou-se. O dvornik, muito attencioso, levou dois dedos ao barrete.

— E então?

— Se vaes lá, vou eu ao proprietario.

— Que queres dizer?

— O melhor é que te vás embora.

— Idiota! disse Ordinov, retomando seu caminho.

— Barine, barine, espera!

O dvornik tocou mais uma vez no barrete e riu-se mostrando os dentes.

— Escuta, barine, socega. Porque has de atormentar um pobresinho? É peccado e Deus não quer... percebes?

— Percebe-me tu: toma e dize-me quem é esse homem.

— Quem é?

— Sim.

— Mesmo sem dinheiro t'o diria.

O dvornik pegou na vassoira, agitou-a uma ou duas vezes, depois attenta e solemnemente olhou para Ordinov.

— És um bom barine, mas se não sabes entender-te com um homem de bem, faze o que te aprouver, aqui tens o que eu penso.

O tartaro deu ao olhar uma expressão mais intensa, quasi irritada e pegou outra vez da vassoira. Emfim approximou-se misteriosamente de Ordinov e acompanhando as palavras com um gesto muito expressivo:

— Pois aqui tens o que elle é.

— Como?... O quê?

— A cabeça não regula.

— Como?

— Foi-se!... Aquillo foi-se... repetiu com modos cada vez mais misteriosos. Está doente... Tinha um barco, um barco muito grande, e outro, e ainda mais outro... Navegava no Volga. (Eu tambem sou do Volga.) Tambem tinha uma fabrica, mas ardeu, e ora ahi está! A cabeça não regula.

— É doido!

— Não!... Não! repetiu depois d'uma pausa. Não é doido, é até muito entendido... Sabe tudo, leu! leu! leu!... leu tudo!... Predizia as sinas, sim, senhor. Vinha um: são dois rublos, tres, quarenta rublos; depois olhava para o livro, corria-lhe as folhas e dizia toda a verdade. Mas ali, dinheiro na mesa, antes de tudo o dinheiro. Sem dinheiro, nem palavra!

E o tartaro que parecia interessar-se de todo o coração nos ganhos do Mourine poz-se a rir, todo contente.

— É então um bruxo? Lê a buena dicha?

— Hum!... rosnou o dvornik meneando affirmativamente, com vivacidade, a cabeça. Sim, diz a verdade, e resa a Nosso Senhor, resa muito, depois dá-lhe o mal de repente...

E o tartaro repetiu o gesto expressivo. N'esse instante alguem do outro pateo chamou-o e logo depois appareceu um homemzinho vestido com uma tulupe [1], dobrado, de cabellos grisalhos. Tinha uma tossesinha e tropeçava olhando para o chão e falando sósinho. Parecia cahido em infancia.

— O patrão! o patrão! murmurou vivamente o dvornik dizendo adeus a Ordinov.

E, tirando o barrete, correu para o velhote, cara que para Ordinov não pareceu desconhecida de todo. Pelo menos julgou dever já tel-o encontrado. Mas, não vendo n'isso nada extraordinario, sahiu. Parecia-lhe o dvornik um patife de primeira força.

— O ladrão troçava comigo, ia elle pensando. Sabe Deus que mysterios são estes.

Já ia longe na rua. O curso de suas idéas foi pouco a pouco mudando. Era um dia pardo e frio, a neve esvoaçava. Ordinov tiritava. Parecia-lhe que o chão vacillava sob seus pés. De repente uma voz conhecida, uma voz meliflua e agradavel deu-lhe os bons dias.

— Yaroslav Iliitch! disse Ordinov.

Parára em sua frente um homem dos seus trinta annos, forte, córado, pequeno de estatura, com uns olhos pequeninos, pardos e languidos, de sorriso nos labios e vestido como deve andar vestido um Yaroslav Iliitch. Estendeu a mão obsequiosamente a Ordinov. Havia exactamente um anno que se haviam conhecido, na rua, por acaso. A um genio muito dado, Yaroslav Iliitch juntava a extraordinaria faculdade de encontrar por toda a parte gente boa e nobre, possuindo maneiras da mais alta sociedade e sobretudo instruida ou pelo menos dotada de talento. Mas embora Yaroslav Iliitch tivesse uma voz de tenor muito assucarada, havia em suas entoações, até falando com os amigos mais intimos, o que quer que fosse agudo e imperioso que eliminava toda contradicção, mas que não seria, em fim de contas, senão a consequencia d'um habito.

— Porque feliz acaso...? exclamou Yaroslav Illitch com a expansão da mais sincera alegria.

— Moro para aqui.

— Ha muito já? continuou Yaroslav Iliitch erguendo o tom. Não sabia. Mas então somos visinhos. Eu tambem moro cá no bairro, desde ha um mez, que vim do governo de Riazan. Ora até que o vejo, meu nobre amigo, o mais antigo dos meus amigos! — E poz-se a rir com sinceridade. — Sergeev, gritou de repente, espera-me em casa do Tarassov e diz ao dvornik do Olsonfiev que vá immediatamente ao escriptorio. D'aqui a uma hora, lá vou.

E, dadas estas ordens com um tom secco, o fino Yaroslav Iliitch metteu o braço pelo de Ordinov e levou-o para um traktir.

— Ha tanto que nos não vemos, que bem precisamos conversar um bocado. Então como vamos de trabalhos? accrescentou assumindo um tom respeitoso e baixando mysteriosamente a voz. — Sempre nas sciencias?

— Sim, sempre, respondeu Ordinov distrahidamente.

— Ah! como isso é nobre! Vassili Mikhaïlovitch, como isso é nobre! (N'isto Yaroslav Iliitch apertou com força a mão de Ordinov.) Ha de ser o lustre da nossa sociedade. Deus o ajude na carreira que escolheu!... Meu Deus, como estimei encontral-o! Quanta vez pensei no meu amigo! Quanta vez dizia comigo: Que será feito do nosso bom, do nosso generoso, do nosso penetrante Vassili Mikhaïlovitch?

Foram para um gabinete particular e Yaroslav Iliitch mandou vir qualquer coisa de comer e vodka [1] e poz-se depois a contemplar Ordinov com sympathia.

— Li agora muito, começou com voz insinuante. Li todo o Pouchkine.

Ordinov, sempre distrahido, olhou para elle.

— Que extraordinaria sciencia da paixão! Mas antes permitta-me que lhe agradeça. Que bem que me fez suggerindo-me com a sua nobreza natural idéas justas!

— Exagera.

— Não, senhor! Não, senhor! Gosto de ser justo e orgulho-me de haver conservado pelo menos este sentimento.

— Ora vamos, nem para si é justo. E emquanto a mim, meu Deus...

— Não; a verdade é esta, replicou com calor Yaroslav Iliitch. Que valho eu, se me comparar comsigo?

— Oh! Oh!

— Decerto!

Houve um silencio.

— Pelos seus conselhos deixei-me de pessimas relações, adocei os meus modos brutaes, continuou Yaroslav Iliitch com affabilidade. Nas horas vagas deixo-me quasi sempre ficar em casa; á tarde faço uma leitura util e... só tenho um desejo, Vassili Mikhaïlovitch: ser prestavel á minha patria.

---

[1] Os que puxam á sirga.
[2] Expressão russa. Como tambem se diz o *pae Don*.

[1] Manto forrado dos camponezes.
[1] Aguardente.

— Sempre o tive na conta d'um nobre caracter, Yaroslav Iliitch.

— Que balsamo sabe derramar nos corações!... Nobre rapaz!

Yaroslav Iliitch apertou com effusão a mão de Ordinov.

— Mas não deve, notou quando serenou sua commoção.

— Não posso, ando adoentado.

— Adoentado?... Sim, com effeito. E ha quanto tempo? Quer que lhe ensine um medico que havia de cural-o? Quer? Vou lá agora a casa d'elle. É um homem habilissimo.

Yaroslav Iliitch já deitava mão ao chapéo.

— Obrigado, não gosto de remedios e tenho medo dos medicos.

— Como póde dizer-se tal! Mas se eu lhe repito que é um homem habilissimo, continuou Yaroslav Iliitch com tom de supplica. Ha tempos, — deixe-me contar-lhe isto, meu caro Vassili Mikhaïlovitch — foi a casa d'elle um pobre serralheiro e disse-lhe: «Veja... Furei a mão com a minha ferramenta. Cure-me.» Semen Pafnoutyitch, vendo o desgraçado em riscos de gangrena, decidiu cortar-lhe o braço. Vi-o operar, mas por forma tal, tão nobre... quero dizer tão maravilhosa, que, confesso, não fôra o dó pela dôr humana, gostaria do espectaculo, tão simples, tão curioso e... Mas onde e quando adoeceu?

— Mudando de casa. Agora mesmo me levantei.

— Mas está ainda muito doente, não deveria ter sahido. Então já não está na sua antiga casa? E porque?

— A patroa deixou S. Petersburgo.

— Domma Savischna! Deixou! Que santa e nobre velha! Saiba que sentia por ella uma estima quasi filial. Havia um não sei quê nobre, antigo n'aquelle fim de vida. Viamos n'ella como que uma encarnação do nosso bom tempo antigo... quero dizer d'essa... qualquer coisa... poetica! exclamou por fim Yaroslav Iliitch atrapalhado e vermelho até ás orelhas.

— Sim, era uma santa mulher.

— Mas permitta-me a pergunta: E onde mora agora?

— Aqui muito perto, em casa do Korschmarov.

— Conheço-o, é um velho respeitabilissimo. Trato-o, se assim ouso dizel-o, n'um pé de intimidade. Bella velhice!

Os beiços d'Yaroslav Iliitch tremiam de ternura. Pediu um outro copo de vodka e um cachimbo.

— Não é um sub-arrendamento? Tem lá os seus moveis?

— Não; tenho uns patrões.

— Quem são? Talvez eu os conheça.

— Estou em casa d'um tal Mourine, um mechtchanine, um velho muito alto...

— Mourine... Mourine... Com licença... é no pateo de traz, por cima do cangalheiro.

(Continúa).

Recebemos e agradecemos:

Diccionario das seis linguas. — Publicou-se a nona serie, fasciculos n.os 41 a 45 d'este tão util e engenhoso diccionario linguistico, obra unica no seu genero, na qual se reune formando um só volume a materia de trinta diccionarios combinados das seis linguas mais vulgares da Europa.

O *Diccionario das seis linguas* divide-se em tres partes: A primeira, trata desenvolvidamente da pronunciação de cada uma das linguas em relação aos individuos fallando respectivamente as outras cinco. A segunda, é propriamente o texto alphabetico do diccionario, sendo a base empregada o francez e seguindo-se-lhe a traducção do mesmo vocabulo nas outras cinco linguas, inglez, hespanhol, allemão, italiano e portuguez. A terceira parte é um indice geral de todas as palavras das seis linguas para o francez, permittindo assim, achado o equivalente n'esta ultima lingua, o conhecimento da traducção desejada em todas as outras cinco linguas ou simplesmente n'uma d'ellas.

Por este engenhoso systema, que não tem similar em trabalho algum da mesma especie e constitue um verdadeiro successo na bibliographia linguistica universal, se obtem uma consulta facil, rapida e clara, os mais uteis requisitos a que um bom diccionario tem de satisfazer.

Accrescem ainda o cuidadoso apuro da edição, muito rigorosa e nitida, as definições tanto na sua generalidade como na especialidade dadas segundo os melhores e mais modernos tratados scientificos, a grande quantidade de synonimos colligidos, e, por fim, a modicidade de preço, apenas 30 réis cada fasciculo semanal de 16 papinas.

Todos os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao editor, a *Empreza do* OCCIDENTE, Largo do Poço Novo, Lisboa.

MEDALHA
OFFERECIDA PELOS PROFESSORES E ESTUDANTES
DA ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA,
Á FILHA DE CAMARA PESTANA

Rivista politica e litteraria. *Via Marco Minghetti, 3 — Roma.* Acaba de entrar no seu quarto anno de publicação esta importante revista italiana. Abre o seu x volume com o *fascicolo 1* relativo a 15 de janeiro de 1900.

O summario d'este numero é o seguinte: *La vendetta delle idee — Tragedie del l'egoismo* (romance) por Emilio Spagnuolo — *L'operositá industriale italiana e la speculazione em 1899* por A. Monzilli — *La legge sulla emigrazione* por F. Fabbri — *Mallinconie musicali* por L'Italico — *Sull'Attivitá della Croce Rossa in tempo di pace* pelo Dr. Nicola Gallo — *Un'agonia* por Art. Jahn Rusconi — *Roma e i giubilei* — A. Bacchiani — *L'Edizione nazionale e gli «scritti letterari» di Galileo Galilei* por D. Ciámpoli — *Le pitture di un palazzo estense* pelo Dr. Adolfo Gulinelli — *Rassegna economica e finanziara* por A. Monzilli, etc.

No seu ultimo numero, esta notavel revista referindo-se ao OCCIDENTE dedica-lhe, entre outras, as seguintes phrases, que muito agradecemos:

«Cogliamo l'occasione del principio del 23. anno da che existe O OCCIDENTE per esprimere vive congratulazioni e fraterni augurii alla valoroza Rivista che da un quarto di secolo, col disegno e cogli scritti, nota e riferisce i principali avvenimenti della storia contemporanea. Auguriamo a quei nobili pubblicisti di Lisbona una carriera assai piú lunga e non meno gloriosa di quella giá percorra.»

Educação Nacional — *Domingo 1 de outubro de 1899 — 4.º anno — n.º 158. Director Antonio Figueirinhas. — Porto.*

Com este numero entrou no seu quarto anno o excellente semanario *Educação Nacional*, a que tanta vez temos rendido o merecido louvor, e por este novo anniversario o felicitamos sinceramente.

Do seu artigo principal extrahimos os seguintes periodos:

Cravamos, hoje, mais um marco na estrada por onde ha tres annos vimos seguindo. Como o viandante do deserto, que marcha na areia movediça para uma longinqua cidade rutilante, esquecemos as asperezas da caminhada para só pensarmos nos encantos do suspirado termo.

O ideal, que é luzeiro para a nossa fé e estimula para a nossa confiança, não póde ser nem mais resplandecente nem mais glorioso. Levantar todas as energias latentes, unificar todos os esforços dispersos, conjugar todas as boas vontades reveladas e canalizar essas forças no sentido de promover o desenvolvimento da instrucção — tal foi sempre, tal é ainda hoje e tal será no futuro o futuro em volta do qual nos movemos, a aspiração maxima do nosso espirito e a essencia da nossa missão.

Calendario *em cartão para 1900 de Gonsalves & C.ª, Ltd. Honululu 1900.*

Tambem o nosso solicito correspondente no Havvaü, Honolulu, nos brindou com um bonito calendario para escriptorio, em que, além da respectiva folhinha em inglez, se admira uma formosa estampa em photogravura, reproducção de um quadro de Tito Conti.

Almanach *da typographia Castro Irmão — 31 e 33 — R. Marechal Saldanha,* Lisboa.

É, por certo, este estabelecimento o que da ha mais tempo vem brindando annualmente os seus freguezes com um util e gracioso almanach *bijou*, verdadeiro mimo typographico, que continúa e affirma mais uma vez os justos creditos de que gozam aquellas officinas.

Catalogo. *Catalogo illustrado de Ramos & Silva, electricista e oculistas.—Lisboa.*

Estes senhores possuem depositos e officinas na rua do Oliveira ao Carmo, 10 a 14, Lisboa, de apparelhos opticos e para electricidade. O presente catalogo dá boa ideia do desenvolvimento que aquelles industriaes teem sabido imprimir a este ramo da sciencia applicada, o que é deveras consolador.